

## **O cheio e o vazio** Enunciado

Samuel Rama

ESAD.CR 2016, Desenho Avançado

*Palavras-Chave:* Desenho, Espaço

## Exercício I (O cheio e o vazio)

*“O vazio tem o fito no cheio (a plenitude). Permite que todas as coisas «cheias» (Plenas) alcancem a sua verdadeira plenitude (...) «a grande plenitude é como vazia; então é inesgotável» (...) No mundo real, o vazio tem uma representação concreta: o vale, é oco e aparentemente vazio, mas faz-nos crescer e nutre todas as coisas; leva todas as coisas em seu seio, e as contém sem nunca transbordar nem extinguir. (...) A Imagem do vale está ligada à da água. A água, da mesma forma que os alentos, aparentemente inconsistente, penetra por toda a parte e tudo anima. Por toda a parte o cheio constitui o visível da estrutura, mas o vazio estrutura o uso.”*

François Cheng, **Vide et plein. Le langage pictural chinois** (Tradução Livre)

*“Com progressiva evidencia a figura lê-se, sobretudo, como um lugar: um espaço interior de variação, de mobilidade, é limitado por um espaço exterior de invariância, de fixidez. É conto se o suporte fosse implicado na composição, activado para a composição. E também como se o vazio do fundo branco se transformasse, pela mesma via, em invariabilidade activa. Interiorizados enquanto limite, fundo e folha fazem mais do que recortar ou isolar graficamente a figura, seguram-na, envolvem-na, contem-na. Distinguir, isolar, conter, separar, marcar: não se trata de mostrar o lugar onde as coisas aparecem, mas de construir como um lugar a sua possibilidade de aparecer. O limite e conquista de espaço (ao) vazio, subtracção de espaço ao quotidiano, desanexação de espaço à grelha da mera legibilidade das coisas. O suporte só pode ser implicado na composição, só pode na verdade governá-la, porque ele é já marcação afectada pela ideia de limite, fronteira no interior da qual tudo se distingue, antes do mais, pelo facto mesmo da separação.*

*Com a aparecimento da cor, as variações de registo permitindo criar a tensão/distinção espacial (regular/irregular, agitado/imóvel, variante/fixo), são duplicadas e, finalmente, substituídas par uma modulação que permite com maior eficácia relativizar o limite, desmultiplicá-lo no seio da própria variação. Num desenho de 1980 (fig 1) a cor aplicada sobre o traço esfíapado de lápis ora se interrompe, fractura, deposita em pequenas manchas e traços esguios (agarra e seca a escorrer do traço de lápis, contendo, cristalizando, conferindo solidez), ora, pelo contrário, se expande em áreas mais vastas e homogéneas (vibra e alastra, até que uma linha de contraste suficientemente regular e continua a venha também limitar. O duplo registo produz alternância do recorte (figura -fundo) e do transbordo (da figura sobre o fundo), da regularização e da*

*pulsção, da expansão e da contenção espaciais. o suporte que ressoa como um eco no interior da imagem não é, de novo, apenas forma, mas limite que tudo configura, lógica da delimitação. A morfologia e desdobramento e desmultiplicação de limites, criação de distinções na contiguidade de um espaço inicialmente (e essencialmente) separado.”*

Manuel Castro Caldas, **Modo Egípcio**, 2002

A visão ordinária do mundo pensa sempre que os objectos e corpos foram concebidos para serem vistos de fora como um certo número de superfícies que definem uma massa. Assim, a massa de um objecto ou de um corpo corresponde ao sólido e o espaço é neste contexto o inverso da massa. O desenho que vê o mundo desta forma descreve as massas sólidas como positivas e o espaço envolvente como negativo e profundamente passivo contra o qual a forma dos corpos e dos objectos se recortam contra o fundo. Mas o desenhador mais exigente sabe bem a importância do espaço que envolve os corpos e os objectos. Sabe que faz sentido proceder a uma análise das coisas do espaço, não a partir das suas relações mais imediatas, mas a partir da espacialidade própria do corpo humano. O espaço decorre sempre do uso feito por cada corpo que em seu dinamismo efectua trocas, então é o corpo que justifica o espaço e lhe confere sentido. Por isso, no seu trabalho de desenho o artista transforma a ideia de espaço ao colocar de igual para igual, numa luta expressiva, os corpos e objectos com o espaço, onde eles se geram ou movem. O projecto de desenho consiste em trabalhar esta questão onde o desenho aparece como lugar de formação e questionamento do espaço, onde o pensamento e invenção tomam corpo.

### **Hipótese a)**

Começa por seleccionar um objecto ou um corpo de entre os muitos que se encontram, no teu quarto, sala de aula e ou paisagem envolvente. Agora olha atentamente todo o contexto visível que está à volta do objecto ou corpo escolhido. Atendendo ao carácter háptico do desenho de contorno desenha todos os objectos e o contexto ao sabor da medida da linha que desenha,

guardando o exacto espaço necessário para o insuflares depois com o desenho do corpo/ou objecto seleccionado inicialmente, usando um riscador diferente daquele que escolheste para descrever o contexto.

### **Hipotese b)**

Considerando o carácter háptico da linha de contorno e ou o prodígio da mancha de tinta sobre o papel. Desenha/expressa apenas o “*espaço entre*”.

Entre dois objectos, entre dois corpos etc...

Ao longo do processo trabalho de serão evidenciados os índices que revelarão a expressão da presença espacial em desenho e outros modos de aceder ao espaço serão engendrados por ti para além daqueles que foram acima sugeridos.

**Matérias e técnicas sugeridas para a exploração inicial do projecto Lápis** de grafite de várias gradações, canetas diversas e aparo, lápis de cor, aguarelas, guache, acrílicos, técnica da colagem.

### **Palavras-chave**

Espaço empírico, espaço do desenho, vazio e cheio, massa, representação, sensação, ausência, descrição, emoção, percepção, concepção,



(Fig. 1)

**José Pedro Croft**

Sem Título, 1980

Grafite e guache sobre papel

29,21 cm

Coleção da Fundação Luso – Americana

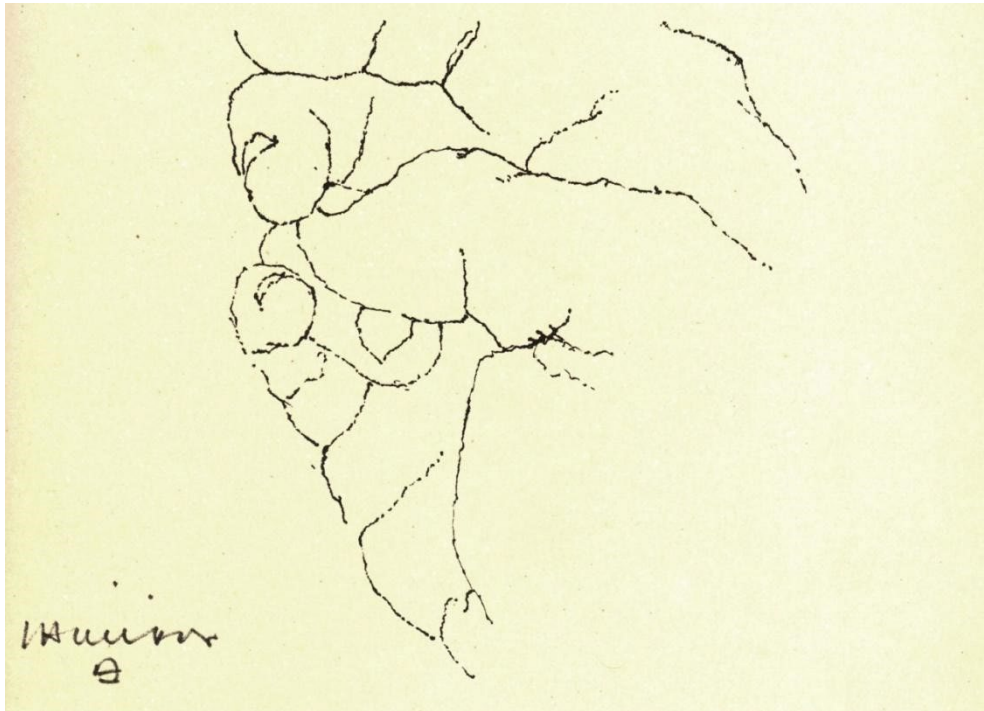


(Fig. 2) Eduardo Chillida, 1974

Mãos II, Grafite sobre papel

14,8 X 20,6 cm

(Eduardo Chillida, Dibujos: 1948- 1974, Ediciones Polígrafa, SA)



(Fig. 3) Eduardo Chillida, 1973  
Desenhando com a mão esquerda  
Grafite sobre papel  
14,8 X 20,6 cm  
(Eduardo Chillida, Dibujos: 1948- 1974, Ediciones Polígrafa, SA)